

'Educação deve ser baseada em arte'

TAÍS BRAGA

Eduardo Tornaghi: psicólogo não-praticante, ex-ator da TV Globo. Profissão atual: professor de vida na rua, como gosta de se apresentar. Foi um dos oficineiros voluntários e responsável pela oficina de teatro realizada durante o IV Encontro Nacional de Meninos e Meninas de Rua, que se encerrou no último sábado.

Há 15 anos, por opção de vida, Tornaghi convive com a problemática dos meninos de rua e é um dos integrantes do Grupo Eco, no Rio de Janeiro, que faz um trabalho educativo numa "escola sem muros", cuja filosofia é um alerta para toda a sociedade: "Não se iluda que nada muda se você não mudar".

— O que é mais doloroso para uma criança que vive na rua?

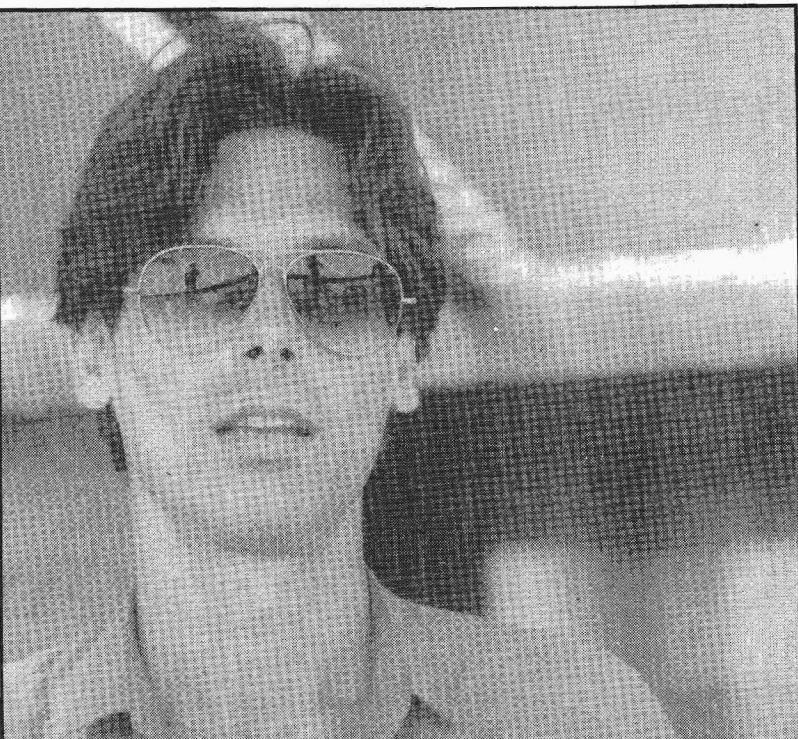
— A falta de respeito. O fato de morar na rua não é tão grave para eles. Morar na rua é um barato. Eu fui menino de apartamento e hoje sei o quanto é bom estar nas ruas. A doença da falta de respeito que atinge a nossa sociedade é mais grave do que a falta de escola. Na Índia milhares de pessoas vivem nas ruas e não são desrespeitadas, não se sentem menos nada, menores do que ninguém.

— Como se processa essa doença?

— Nas ruas as pessoas olham para os meninos e meninas com medo, nojo ou, na melhor das hipóteses, com pena. É uma atitude desrespeitosa, eles se sentem diferentes, têm a sensação de que aquele lugar não lhes pertence, sentem-se discriminados e reagem à altura. Mas a doença da falta de respeito não atinge somente as crianças na rua, atinge o idoso aposentado na fila do INPS, o motorista de trânsito, o cidadão nas ruas que é desrespeitado pela polícia. Temos que resolver esta doença na cabeça de cada um de nós. Temos que admitir, assumir e mudar porque só uma sociedade respeitosa pode dar e receber educação.

— Qual o remédio para esta doença?

— A atitude educativa. Vou dar um exemplo que aconteceu comigo. Quando eu tinha uns 11 anos, voltava da escola e passava em frente de uma



Tornaghi diz que a violência é uma linguagem conhecida nas ruas

filial das Lojas Americanas. Todos os dias eu e meus colegas roubávamos chicletes, balinhas e outros doces. Um dia eu fui pego pela segurança. Eles não fizeram nada comigo, não me bateram, não me maltrataram, fizem um discurso do tipo "você não precisa fazer isso, na escola não ensinam a roubar, sua família não iria gostar se soubesse...". E eu fui embora e nunca mais fiz de novo. Se fosse um menino mal vestido, será que a reação da segurança seria a mesma? O que eu sei é que a atitude violenta empurra a criança para a marginalidade.

— Mas alguns meninos de rua têm atitudes violentas...

— Os marginais são a minoria absoluta, por exemplo, na população dos meninos de rua do Rio de Janeiro que é calculada em cerca de três mil menores. A violência é uma linguagem conhecida nas ruas. Se a criança é tratada com a violência da falta de respeito, ela reage da mesma forma.

— O senhor falou que o pior das ruas é a falta de respeito. E o melhor, o que é?

— A liberdade, mas o preço é muito alto. Considero uma atitude de coragem decidir ir morar na rua.

Quando um menor vai para a rua, vai buscar uma alternativa para ele. Certamente porque não está satisfeito com o que tem em casa: conflito com a mãe, pai, maus-tratos, abandono. A maior parte dos meninos que estão nas ruas tem casa. Só que prefere estar longe dela.

— Que tipo de educação pode ser dada a estas crianças para que elas não optem pelas ruas?

— O problema não é tirar a criança da rua. Temos que resolver os problemas das ruas para que as crianças possam freqüentá-las. As crianças de rua podem ser um belo laboratório para se educar de verdade. O processo educacional tem que levar em conta o menino de rua, senão ele vai embora. Não é como acontece com os nossos filhos, que não podem simplesmente deixar a escola se não estiverem satisfeitos.

— O modelo oficial de educação não funciona?

— Está provado que não. Na minha opinião, a educação deve ser baseada em arte e esporte. Matemática e Português todo mundo aprende. Com a arte é possível ler o mundo. A necessidade de expressar o que temos de melhor é revelada na arte, que po-

de ser o teatro, a música, a pintura... Todo ser humano pode se expressar através da arte. No esporte aprendemos a conviver com as regras, com o respeito pelo adversário, adquirimos espírito de equipe, aprendemos a ganhar e a perder.

— Como é realizado o trabalho do Grupo Eco?

— A nossa principal preocupação é escolar. Fazemos uma escola sem muros. Quem entra e quer ficar, fica. E pode ir embora na hora que tiver vontade. Nesta escola nós estamos para educar e para nos educarmos também, e contagiar o mundo com esta educação. Nós damos aos meninos a oportunidade de ter aspirações. Para se ter uma idéia, quando iniciamos o trabalho com um grupo de crianças, a maior aspiração da maior parte delas era ser policial militar. Depois de algum tempo, elas passaram a querer ser atletas, educadores. Esperamos conseguir que elas aspirem ser médicos, engenheiros, mas isto ainda está longe.

— O senhor tem filhos?

— Infelizmente não tive essa sorte.

— Muitas pessoas acham que essas reuniões não resolvem nada, que se tornam puros palcos para que cada participante lance uma idéia.

— É muito importante conhecer outras idéias, mas é importante ressaltar que nessas reuniões muitas coisas são resolvidas sim. Quando se tem um problema urgente e que afeta diretamente, ele é mais rapidamente resolvido.

— Qual a importância, para as crianças de rua, de participar de encontros como esse?

— É comovente ver o amadurecimento dessas crianças de um encontro para o outro. Elas vêm com o acréscimo das experiências dos colegas de outros estados do País e levam a experiência para os seus núcleos de base. Uma criança que vê o seu colega falar de igual para com o Presidente da República, volta para o seu estado com a cabeça levantada, consciente de que tem um espaço no mundo. Com o trabalho dos núcleos, as classes médias e as elites podem ficar sossegadas: nós estamos fazendo o que eles não fazem.